

“The Classroom RAVES Model for Moral Character and Ethical Knowhow”

Tradução e adaptação cultural para o Português Brasileiro por Dra. Luciana Karine de Souza, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Brasil luciana.karine@ufrgs.br, e Sophia Beylouni Santos Martínez, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Brasil bsm.sophia@gmail.com (2018)

University of Notre Dame

Moral Psychology Laboratory

Ferramentas para a Educação Moral e do Caráter

O Modelo RAVES – Sala de Aula

para a Promoção do Caráter Moral e da Expertise Ética

Guia, versão 4

© 2015 Darcia Narvaez

University of Notre Dame

Notre Dame, IN 46556

dnarvaez@nd.edu

Tonia Bock

University of St. Thomas

St. Paul, MN 55105

tsbock@stthomas.edu

Material criado através do Projeto *Minnesota Community Voices and Character Education*, financiado por USDE OERI Grant # R215V980001.

Nota da tradução: Educação moral e do caráter é um campo de pesquisa e intervenção que integra o estudo de duas tradições - a educação moral (principalmente dedicada ao raciocínio moral) e a educação do caráter (focalizada na personalidade moral e nas virtudes).

Nosso profundo agradecimento à Dra. Darcia Narvaez e à Dra. Tonia Bock, pela permissão a esta tradução e adaptação cultural.

A Situação das Crianças Hoje

Muitas crianças atualmente chegam à escola estressadas, ansiosas e deprimidas, sem condições de aprender. Elas não receberam o cuidado e atenção de que precisam e, portanto, seu sistema neurobiológico não está funcionando bem.

O modo como a criança responde ao estresse pode ser bastante prejudicial no início da vida, quando se espera que outros sistemas estejam firmando seus parâmetros. Estresse demais durante esses períodos críticos e sensíveis, importantes ao desenvolvimento humano, gera uma constante prontidão para reagir a ameaças, sempre desconfiar das outras pessoas e se autoprotger o tempo todo. Essa constante reatividade a ameaças prejudica a abertura às experiências e a habilidade de “raciocínio de ordem superior”: que inclui raciocínio crítico, resolução de problemas e tomada de decisões na vida cotidiana. Assim, para a criança nessa condição a aprendizagem é dificultada e dar-se bem com os outros se torna um desafio.

O que os professores podem fazer? Fornecer uma *sala de aula apoiadora* que recupere funções cerebrais fundamentais. Os professores podem ajudar os estudantes a aprender maneiras de se acalmar e de se autorregular. Eles podem ajudar os estudantes a reconstruir as áreas cerebrais voltadas a aspectos sociais, oferecendo atividades sociais agradáveis. Podem ajudar a alimentar a imaginação dos estudantes de formas pró-sociais – ou seja, tendo como meta o bem-estar das pessoas. Várias opções são citadas abaixo:

A Sala de Aula Apoiadora promove

- **Relaxamento**
 - Respiração profunda
 - Mindfulness
 - Meditação
- **Imaginação Compartilhada**
 - Apego ao grupo
 - Nós e nós
 - Apego à natureza
- **Prazer Social**
 - Brincadeiras livres com os pares
 - Dança em grupo, canto em grupo, artes

“BOAS PRÁTICAS” NO ENSINO: Um Breve Resumo

POR QUE AS CRIANÇAS SE COMPORTAM MAL?

- Porque sentem que ninguém se importa com elas; sentem-se excluídas (pode-se contrabalançar com relacionamentos positivos baseados em cuidado e aceitação)
- Porque se sentem incompetentes na situação ou na tarefa/atividade (contrabalançar com o desenvolvimento de habilidades)
- Porque se sentem presas, sem opção (contrabalançar com a oferta de opções)
- Porque não entendem o que está sendo exigido delas, ou entendem errado (contrabalançar com explicações claras)
- Porque não têm a autorregulação que a tarefa/atividade exige (contrabalançar com o treinamento para se automonitorar)

COMO AS CRIANÇAS APRENDEM?

- Com observação e imitação
- Com imersão e prática – para o desenvolvimento da intuição e construção do entendimento
- Com instrução explícita durante a imersão – para haver compreensão deliberada

QUE TIPO DE INSTRUÇÃO NÃO FUNCIONA PARA UMA APRENDIZAGEM TRANSFORMADORA?

- Aula expositiva: o professor fornece as instruções
- Repetição por ensaio e erro, treinar até acertar
- Memorizar conhecimento inerte, fora do contexto da vida real

QUE TIPO DE CLIMA ESCOLAR OU DE SALA DE AULA CONDUZ À APRENDIZAGEM E AO FLORESCIMENTO? Discurso docente e práticas:

- Ênfase no domínio da atividade (ao invés do resultado – foco nas notas e na comparação com pares)
- Ênfase no clima de comunidade positiva (expectativas elevadas para o comportamento respeitoso e bondoso)
- Cultivar o sentimento de grupo (“trabalhamos bem juntos, né?”)
- Ambientes emocional e fisicamente seguros conduzem ao cuidado pelas outras pessoas

ATITUDES GERAIS PARA SE CULTIVAR

- Tomar como princípio que a criança quer ser uma boa pessoa
- Ajudar os estudantes a conquistar suas necessidades básicas (senso de propósito na vida, autorrealização, compreensão, confiança, senso de pertença, competência, autonomia)
- Preservar a dignidade individual (sem degradar ou humilhar)
- Identificar, em cada estudante, contribuições singulares para toda a turma
- Cada pessoa pode aprender, desenvolver e mudar com o apoio adequado ao longo da vida (mentalidade de *crecimento*, e não uma mentalidade *fixa*)
- Parceria professor-estudante – orientar o estudante até que ele(a) consiga ter sucesso sozinho(a)
- Parceria em grupo – os estudantes ajudam uns aos outros

Hoje, ao contrário do passado, as MELHORES PRÁTICAS de ensino não são suficientes para promover o caráter moral nos estudantes. As crianças hoje normalmente não estão imersas em atividades, ou em uma sociedade, que enfatizem o desenvolvimento moral e não recebem a orientação atenciosa e supervisão necessárias para o cultivo moral.

Porque a escola é uma presença constante na vida das crianças, **uma abordagem mais DELIBERATIVA para a educação moral e do caráter é necessária**. O modelo RAVES, uma abordagem baseada em pesquisa, sugere que os educadores sigam essas orientações para promover o caráter moral.

Como as crianças crescem para se tornar adultos moralmente inteligentes com Quocientes Morais (QM) elevados?

RAVES:

Relacionamentos

(apego, clima social positivo, comunidade apoiadora)

Aprendizagem contextualizada

(fornecer modelos, orientação)

Virtuosos modelos

(narrativas, exemplos, expectativas de comportamentos virtuosos:
p. ex., generosidade, autocontrole)

Ética desenvolvida como habilidade

(sensibilidade, raciocínio, foco, ação)

Self autônomo

(independência, autonomia, autoria)

E também:

**Altas Expectativas e Apoio Comunitário Elevado
Para o Sucesso Acadêmico e Comportamento Ético**

(Narvaez, 2006; 2007; 2008)

RAVES: *Cinco Princípios para Educadores*

Relacionamentos. Relacionamentos de apego seguro (confiança social e interdependência construídas com presença emocional e consistência cognitiva, verbal, não verbal e emocional) são fundamentais para uma vida boa. Professores podem buscar estabelecer um relacionamento seguro com cada criança. Para que um indivíduo esteja aberto a contínuas experiências, suas necessidades e individualidade precisam ser reconhecidas e consideradas. O professor responsivo expressa abertura à influência mútua e fornece modelo de aceitação positiva incondicional (Rogers, 1983) para que a criança se transforme em um membro pró-social da comunidade. Em um relacionamento assim, a criança pode florescer como pessoa e como estudante. Salas de aula que são comunidades apoiadoras proporcionam o apoio que os estudantes precisam para o sucesso acadêmico e comportamento pró-social (Battistich, 2008). Um clima apoiador oferece um ambiente seguro, engajado na aprendizagem, mas também fomenta o potencial humano através da orientação intencional para a participação democrática que seja significativa (ver Narvaez, 2011). É um clima no qual os estudantes se importam com o bem-estar uns dos outros (Power & Higgins-D'Alessandro, 2008). O desenvolvimento ocorre em um contexto de relações mutuamente apoiadoras que incluem a comunidade mais ampla. Educadores podem ajudar a restaurar o clima de apoio, gerando um verdadeiro sistema ecológico. Ao revigorar e coordenar a rede de apoio da criança (família, comunidade, vizinhança), os educadores alinham metas para construir recursos e promover o florescimento na criança e na comunidade (Lerner et al., 2003).

Aprendizagem. Quando os professores visualizam as crianças através de uma mentalidade de desenvolvimento (no lugar de uma mentalidade fixa; Dweck, 2006), eles se dão conta de que os estudantes podem crescer e mudar, mas frequentemente requerem orientação estruturada para fomentar esse desenvolvimento no que diz respeito a habilidades necessárias para viver uma vida boa (Lave, 1988). Isso requer fornecer modelos e prática supervisionada, junto com imersão na experiência para desenvolver a intuição bem instruída (Hogarth, 2001). Mentores fornecem instrução intencional e deliberada, o que é necessário para promover habilidades de resolução de problemas morais, incluindo tanto a aprendizagem emocional como a social (Elias et al., 2008). O Projeto *Minnesota Community Voices and Character Education* (Narvaez

et al., 2004) identificou conjuntos de habilidades éticas que podem ser ensinadas em escolas públicas, usando uma abordagem instrucional do tipo “de novato a especialista”.

Virtuosos modelos. O desenvolvimento moral diz respeito à aprendizagem para a vida (Dewey, 1938). O tipo de vida considerada virtuosa é determinada através da cultura (práticas e crenças compartilhadas) na qual a criança está imersa. As narrativas e histórias, práticas e expectativas de uma dada comunidade implicitamente guiam o desenvolvimento das crianças. Crianças e jovens aprendem, praticam e aplicam as competências éticas consideradas importantes pela sua comunidade. Culturas nativas ao redor do mundo valorizam especialmente a generosidade, o autocontrole e o respeito por humanos e não humanos.

Ética como habilidade. Habilidades éticas são desenvolvidas através de uma pedagogia de novato a experiente no contexto da aprendizagem até que o indivíduo esteja habilitado a desenvolver-se eticamente por conta própria. A sensibilidade, o raciocínio, o foco e a ação éticos envolvem conjuntos de habilidades que podem ser intencionalmente cultivadas nas escolas e salas de aula.

Self autônomo. A autonomia é uma característica fundamental da maturidade intelectual e moral (Piaget, 1932), especialmente importante para o funcionamento moral (Narvaez, 2011). As competências de autonomia moral incluem capacidades como automonitoramento moral (“Estou levando em consideração todos os lados ao elaborar minha decisão?”) e autorreflexão moral (“Essa ação se alinha à minha identidade moral?”). Aqueles com bom automonitoramento estão aptos, por exemplo, a mudar estratégias quando um curso de ação não está funcionando, seja um problema de matemática ou um problema moral.

O “R” em RAVES: Relacionamentos

Estabelecer um relacionamento seguro com cada estudante.

Como reconhecer um relacionamento seguro?

Toda criança é diferente e única. O professor demonstra respeito ao se afinar às necessidades da criança e demonstra cuidado ao honrar a cultura e preferências da criança.

<p>ESTAR COM significa</p> <ul style="list-style-type: none"> ● Engajado emocionalmente: <ul style="list-style-type: none"> ○ Compromisso com estar atento ao momento ○ Aceitação pessoal incondicional ○ Respeito profundo ● Sentir empatia: <ul style="list-style-type: none"> ○ Sentir junto com o outro ○ Desenvolver compreensão ○ Ouvir de modo ativo e compassivo ● Aceitação: <ul style="list-style-type: none"> ○ O self (eu) é deixado de lado ○ Focalizar em “nós” ○ Confidencialidade 	<p>APRECIAR, REGOZIJAR-SE EM</p> <ul style="list-style-type: none"> ● Nutrir: <ul style="list-style-type: none"> ○ Cuidado especializado ○ Como se fosse um cuidador responsável ○ Perdoar ● Instigar: <ul style="list-style-type: none"> ○ Invocar o melhor de si ○ Invocar singularidade ○ Florescer ● Brincar: <ul style="list-style-type: none"> ○ Espontâneo ○ Humor positivo ○ Com espírito de criança
<p>RESPONSIVO</p> <ul style="list-style-type: none"> ● Servir <ul style="list-style-type: none"> ○ Dar de si ○ Receptividade (Nodding, 2002) ● Demandar <ul style="list-style-type: none"> ○ Altas expectativas ○ Responsabilidade ● Compartilhar <ul style="list-style-type: none"> ○ Ser transparente ○ O eu como modelo 	<p>Atentar para as NECESSIDADES BÁSICAS DAS CRIANÇAS</p> <ul style="list-style-type: none"> ● Pertença (relacionamentos seguros) ● Entendimento (significado) ● Controle (escolha) ● Autoaprimoramento (autorrealização) ● Confiança (comunidade apoiadora) ● Autonomia

Em que prestar atenção ao construir uma sala de aula como uma comunidade apoiadora:

- Ter um senso de comunidade claro e positivo
- Cantar, brincar, dançar e rir

O “R” em RAVES: Relacionamentos (continuação)

Estabelecer uma comunidade que preserva relacionamentos seguros.

* Veja o *Checklist para Conseguir uma Sala de Aula Ética e de Sucesso (CEAC)* para mais informações.

1. MOTIVAÇÃO DO ESTUDANTE

Permitir a autonomia do estudante (forneça autodirecionamento, construa autoeficácia e autorregulação)

Encorajar a interação entre estudantes (promova colaboração, proporcione oportunidades para ajudar os outros, encorage domínio da sala de aula)

Desenvolver um comportamento de líder (seja um líder responsivo, demonstre calor humano, ofereça orientação)

Atender às necessidades dos estudantes (emocionais, psicológicas, sociais, a curiosidade)

2. CLIMA DE COMUNIDADE

Promover solidariedade, diversidade, singularidade (ênfasis na unidade, o bem comum, a relação)

Facilitar a interação entre estudantes (oferecer treinamento em habilidades sociais, colaboração, ajuda)

Estabelecer confiança (tratar os estudantes com respeito e esperar o mesmo, construir uma narrativa da turma – “nossa história”)

Criar uma liderança apoiadora (encorajar e guiar a liderança estudantil, identificar as especialidades dos estudantes, reconhecer e acomodar a diversidade quando apropriado)

3. POTENCIAL HUMANO

Nutrir a criatividade (auxiliar os estudantes a desenvolver estratégias e ferramentas para a performance criativa em vários domínios)

Usar a disciplina (fomentar a disciplina através de um senso de compromisso e de pertença ao grupo, construir habilidades de autocontrole e conexão social)

Criar uma estrutura física apoiadora ([de acordo com as finanças e oportunidades] permitir que os estudantes façam escolhas para o ambiente escolar, promover um ambiente belo, proporcionar um ambiente confortável)

4. ORGANIZAÇÃO DEMOCRÁTICA

Governança aberta (coordenar reuniões da turma, permitir a tomada de decisão e liderança compartilhadas)

Canais de comunicação abertos (organizar procedimentos para o registro de queixas, avaliação e encaminhamento adequados, debates abertos)

Implementar infraestrutura útil (criar regras para promover autonomia, pequenos grupos a longo prazo, coaching)

Promover a construção do senso de comunidade (encorajar normas compartilhadas, valores compartilhados, autenticidade)

O “A” em RAVES: Aprendizagem Contextualizada *Estabelecer um contexto de aprendizagem com modelos e orientações.*

Quatro níveis de instrução de novato a especialista podem ser empregados por educadores – frequentemente mais de um ao mesmo tempo para incluir o escopo de capacidades do estudante:

NÍVEL 1: IMERSÃO EM EXEMPLOS E OPORTUNIDADES

Atentar para o contexto mais amplo, Aprender a reconhecer padrões básicos

O professor introduz os estudantes a várias atividades engajadoras. Os estudantes aprendem a reconhecer padrões mais amplos no domínio (*saber identificar*). Eles desenvolvem gradual atenção e reconhecimento dos elementos naquele domínio.

NÍVEL 2: ATENÇÃO A FATOS E HABILIDADES

Focalizar em detalhes e exemplos típicos, Construir conhecimento

O professor focaliza a atenção do estudante nos conceitos básicos do domínio para construir conhecimento sobre como refletir (*saber refletir*). As habilidades são gradualmente adquiridas através de atenção motivada e focalizada.

NÍVEL 3: PROCEDIMENTOS PRÁTICOS

Estabelecer metas, Planejar passos de resolução de problemas, Praticar habilidades

O professor prepara o estudante e permite que ele experimente muitas habilidades e ideias para construir um entendimento de como se relacionam e como melhor resolver problemas no mesmo domínio (*saber planejar*). As habilidades são desenvolvidas através da prática e da exploração.

NÍVEL 4: INTEGRAR CONHECIMENTO E PROCEDIMENTOS

Executar planos, Resolver problemas

O estudante encontra diferentes mentores e/ou busca informação para continuar a construir conceitos e habilidades. Há uma integração sistêmica gradual e aplicação de habilidades em diferentes situações. O estudante aprende a como adotar os passos para resolver problemas complexos associados ao domínio em questão (*saber executar*).

Observação sobre expertise:

A pesquisa mostra que o desenvolvimento da especialização é auxiliada por estratégias e atitudes gerais com as quais alguém aborda um novo domínio. O desenvolvimento da expertise moral é auxiliada por uma atitude de abertura aos outros, de crescimento pessoal e desenvolvimento, e de compaixão com os outros. Adotar essas atitudes em cada habilidade ética permite um desenvolvimento mais rápido da habilidade.

O “A” em RAVES: Aprendizagem Contextualizada (continuação)

Estabelecer um contexto de aprendizagem com modelos e orientações.

Orientações para “selecionar esquemas para a instrução orientada” (Marshall, 1995)

Um método que objetiva assemelhar-se a um estudo longitudinal de conhecimento especializado ao identificar um conjunto básico de esquemas de especialidades para guiar a instrução.

1. Definir o Universo. De acordo com Marshall, deve-se definir o universo de uma habilidade da maneira como um especialista a compreende. Nós examinamos a literatura filosófica, psicológica e educacional para as sensibilidades, motivações e habilidades de resolução de problemas considerados importantes para que uma pessoa seja moral. Alguns deles estão enraizados em formas mais simples de conhecimento e habilidades, as quais nós incluímos em nossa lista desenvolvimental definitiva.
2. Descrição da Situação. Nós seguimos a orientação de descrever conjuntos de situações as quais determinados esquemas de especialidade pertencem. Por exemplo, nós identificamos “expressão emocional” como uma área de habilidade (ver p.11). Mas o que isso significa? Nós procuramos dividir as habilidades em unidades mais ensináveis, na forma de sub-habilidades (p. ex., a leitura das emoções dos outros, expressar as próprias emoções) (ver p.18). Ainda assim estas, no entanto, são divisíveis (p. ex., ler as emoções em uma cultura ou em outra, em uma mídia ou outra, em diferentes faixas etárias ou gêneros, etc.). Nós dedicamos a maior parte do nosso tempo delineando o panorama maior – a grande lista de habilidades e sub-habilidades.
3. Avaliação do Status Quo. Nós refletimos sobre os esquemas que os estudantes já possuem: Que conhecimento prévio eles têm? Como eles usam esse conhecimento anterior e como ele é organizado? Nós miramos nossas habilidades nos últimos anos do ensino fundamental, pois entendemos que algumas habilidades são simples e deveriam ser de alguma forma familiar à maioria das crianças nessa faixa etária, ao passo que algumas habilidades precisam de anos de estudo, adulez adentro; isso quando não são uma prática para a vida toda.
4. Avaliação das Fontes. Nós examinamos materiais didáticos já existentes para compará-los com características presentes em certos domínios. Coletamos ideias para professores utilizarem para ensinar cada sub-habilidade. Nas áreas sem material pré-existente, nós criamos sugestões para atividades instrucionais acadêmicas.

5. Verificação Teórica. Nós refletimos sobre os esquemas hipotéticos para corroborar se estão em conformidade com a teoria, considerando os quatro tipos de conhecimento (identificação, reflexão, planejamento, execução) e como eles podem se manifestar em novos esquemas. Acreditamos que as habilidades e sub-habilidades que nós listamos podem ser caracterizadas como esquemas e apresentamos atividades de acordo com os quatro tipos de conhecimento que Marshall delineou.

6. Checagem da Praticidade. Se um indivíduo consegue adquirir o conhecimento identificado é uma questão prática, amplamente respondida com o apoio de evidências sobre essas habilidades. Algumas habilidades, como “Encontrar Sentido na Vida”, são menos claramente apoiadas por evidências. Ainda assim, acreditamos que identificar adultos que sirvam de modelo para cada habilidade e sub-habilidade é prova da capacidade de serem aprendidas.

O “V” em RAVES: Virtuosos Modelos

Exemplos, Orientação e Prática da Virtude: O Poder das Histórias

Histórias dão forma ao que acreditamos sobre nós mesmos e sobre o mundo. Elas guiam nossas ações. E as crianças aprendem quem elas podem ou devem se tornar a partir das histórias que contamos a elas. O modo como as tratamos são histórias que elas internalizam.

Qual é a narrativa-guia para o seu grupo? Que histórias guiam o comportamento virtuoso? Adultos podem passar adiante as histórias da comunidade. Ao fazer isso, é importante que eles entendam que seu próprio caráter está “sob construção” através das atividades que buscam realizar e da forma como usam sua imaginação.

Expectativas para a Virtude

Que virtudes específicas são destacadas na turma e na escola? Quais são concretamente ilustradas e praticadas? Por exemplo, na maioria das comunidades nativas indígenas, as virtudes mais enfatizadas são generosidade, autocontrole e respeito por todas as formas de vida. As crianças são imersas em uma comunidade através da qual elas

- Ouvem sobre a importância da virtude
- Têm experiências corporais completas e ativas das virtudes junto com outras pessoas
- Encontram satisfação através do comportamento virtuoso

O PROFESSOR AJUDA A CONECTAR A VIRTUDE À VIDA...

1. Ligar o trabalho da sala de aula com a comunidade

Os estudantes ligam seu trabalho às necessidades da comunidade local

Os estudantes praticam a liderança cívica (desenvolver uma visão, fortalecer a voz política)

Os estudantes aprendem empreendedorismo social

Os pais se envolvem nas atividades da sala de aula

2. Promover a consciência global

Os estudantes associam seu trabalho ao de outros estudantes ao redor do mundo

Os estudantes promovem direitos humanos, celebram a diversidade, aprendem a desobediência civil em prol da justiça social

Os estudantes aprendem a orientação para a cooperação (resolução de conflito não violenta)

Os estudantes aprendem a respeitar outros grupos culturais

3. Desenvolver habilidades de cidadania global

Os estudantes desenvolvem uma consciência sociopolítica do mundo (sistemas, instituições, consequências)

Os estudantes desenvolvem a consciência ecológica (conservação, preservação, respeito à natureza)

4. Cultivar o florescimento

Os estudantes aprendem a desenvolver uma vida engajada e com sentido

Os estudantes aprendem a buscar a autorrealização

Os estudantes ajudam no florescimento de suas comunidades

O “E” em RAVES: ÉTICA

Ensinar habilidades éticas em níveis curricular e extracurricular.

O QUE OS EDUCADORES PODEM FAZER PARA ENSINAR HABILIDADES ÉTICAS? Servir de modelo, enfatizar, discutir as habilidades éticas requeridas para o comportamento moral: sensibilidade ética, raciocínio ético, foco ético e ação ética.

O COMPORTAMENTO ÉTICO

requer habilidades nestas quatro áreas

SENSIBILIDADE ÉTICA: NOTE!

Envolve captar as pistas relacionadas com a tomada de decisão ética e comportamento;
Interpretar a situação em conformidade com quem está envolvido,
quais ações podem ser tomadas, quais as reações possíveis
e o que podem desencadear.

Exemplar: Madre Teresa

RACIOCÍNIO ÉTICO: PENSE!

Envolve raciocinar sobre as possíveis ações na situação e julgar qual ação é mais ética.

Exemplar: Rei Salomão

MOTIVAÇÃO ÉTICA: MIRE!

Envolve priorizar a ação ética no lugar de outros objetivos e necessidades
(tanto em uma situação específica, como no caso de ser um hábito da pessoa)

Exemplar: Martin Luther King, Jr.

AÇÃO ÉTICA: AJA!

Envolve executar a ação ética sabendo fazer isso e perseverando no comportamento
mesmo diante de dificuldades.

Exemplar: Paulo de Tarso.

O “E” em RAVES: ÉTICA (continuação)

Ensinar habilidades éticas em níveis curricular e extracurricular.

Tabela com a lista de Habilidades Éticas que podem ser Ensinadas nas Escolas*

INSTRUÇÕES: Considere estudantes individualmente ou em grupo, registrando o nível de habilidade “alto” ou “baixo”. A seguir, use esse registro para planejar intervenções. As sub-habilidades estão listadas no APÊNDICE B e podem ser avaliadas individualmente.

SENSIBILIDADE ÉTICA	Habilidade do Estudante (alta/baixa)	RACIOCÍNIO ÉTICO	Habilidade do Estudante (alta/baixa)
Entender a expressão das emoções		Entender problemas éticos	
Adotar a perspectiva dos outros		Usar códigos de normas/regras & identificar critérios de julgamento	
Conectar-se com os outros		Raciocinar criticamente	
Ser sensível à diversidade		Raciocinar eticamente	
Refrear o preconceito social		Entender consequências	
Interpretar situações		Refletir sobre processo e resultado	
Comunicar-se bem		Enfrentamento e resiliência	
FOCO ÉTICO		AÇÃO ÉTICA	
Respeitar os outros		Resolver conflitos e problemas	
Cultivar a consciência crítica		Ser assertivo de modo respeitoso	
Ajudar aos outros		Tomar iniciativas como um líder	
Ser um membro da comunidade		Planejar para executar decisões	
Encontrar propósito de vida		Cultivar a coragem	
Valorizar tradições e instituições		Perseverança	
Desenvolver identidade ética e integridade		Trabalhar duro	

*Adaptado do Projeto *Minnesota Community Voices and Character Education* (Anderson et al., 2004; Narvaez et al., 2004).

O “E” em RAVES: ÉTICA (continuação)

Ensinar habilidades éticas em níveis curricular e extracurricular.

Trabalhando com Educadores

O Modelo RAVES equilibra dois componentes formativos críticos para sua implementação: (1) orientações *top-down* para implementação e (2) fidelidade *bottom-up* às necessidades da comunidade. A parte *top-down* diz respeito ao que ensinar (as 28 habilidades que contribuíram para o funcionamento moral amadurecido), e a como ensinar: o paradigma de aprendizado do novato ao especialista, que inclui fomentar a compreensão deliberada tanto quanto o desenvolvimento da intuição através da imersão em experiências. As orientações foram construídas com base em premissas fundamentais sobre o objetivo da escolarização – nutrir cidadãos globais, de fato, no contexto da comunidade. As orientações são apenas a metade da equação. A outra metade são os professores e os membros da comunidade que decidem como melhor aplicar as orientações em seus contextos específicos.

A necessária adaptação local das orientações com base nas necessidades do contexto é a metade “*bottom-up*” do esquema geral. Cada comunidade discute as orientações em termos das suas especificidades em termos de perspectivas, necessidades e diversidade, adaptando-as conforme seu próprio entendimento compartilhado de o que é ser moral. Princípios universais sobre “o que” e “como” são adaptados para as particularidades locais e fundidos pela própria comunidade. Dessa forma, o funcionamento ótimo está calcado no contexto específico do indivíduo e sua comunidade. Essa combinação *top-down* e *bottom-up* permite cada comunidade ter sua própria marca no conjunto das orientações, mas dentro de determinados parâmetros, os quais são de funcionamento ótimo dentro de uma democracia plural e de uma comunidade global.

A Dra. Narvaez oferece *links* para as ferramentas no APÊNDICE A, que educadores e membros da comunidade podem julgar úteis para começar a adaptação local das orientações (i.e., começar o processo *bottom-up*).

O “S” em RAVES: SELF AUTÔNOMO

Ensinar os estudantes a serem protagonistas e se autorregular em nas tarefas de vida

Indivíduos virtuosos devem ser autônomos o suficiente para monitorar o próprio comportamento e escolhas. Uma vez desenvolvidas, as virtudes devem ser mantidas através da seleção de amigos, atividades e ambientes adequados (Aristóteles, 1988).

A autorregulação é a fase final do desenvolvimento de habilidades. A autorregulação está relacionada com preparar os estudantes para o momento pós-instrução, ajudando-os a construir capacidades para a ação independente, aprender como monitorar seu próprio desempenho e aprender a obter a ajuda de que necessitam.

Os indivíduos podem ser treinados em domínios específicos de autoeficácia e autorregulação (Zimmerman, Bonner, & Kovach, 2002). Na verdade, a percepção da agência pessoal se forma a partir de nossas habilidades de autorregulação e está relacionada ao cerne do senso de self (Zimmerman, 2000). Indivíduos virtuosos têm um senso de eficácia para as virtudes. Barry Zimmerman (2000) propôs as seguintes fases da autorregulação:

FASE I: USE A PREMEDITAÇÃO

A. Faça uma análise da tarefa que precisa ser realizada. Primeiro, estabeleça uma hierarquia de metas (proximal e distal). À medida que elas vão sendo completadas, está-se promovendo a autoeficácia. Em segundo lugar, planeje estrategicamente, selecionando os métodos apropriados para a tarefa e seu contexto (tudo isso pode mudar ao longo do processo).

B. Adote crenças de automotivação ao quebrar tarefas em pedaços menores para que o término dê certo, criando um senso de eficácia. Antecipe resultados e as consequências positivas de alcançá-los. Adore motivação interna em vez de se basear em motivação externa (extrínseca). Os especialistas adotam uma orientação para a conquista para aprender (aprender por aprender) em vez de adotarem uma orientação para o desempenho (alcançando um objetivo externo).

FASE II: MONITORE O DESEMPENHO

A. A segunda fase da autorregulação é o monitoramento do desempenho (também conhecido como controle volitivo). Engajar o autocontrole auxilia a focalizar

na tarefa e otimiza o esforço. Há várias técnicas que podem ser usadas: (1) Autoinstrução, como verbalizar os passos à medida que se resolve um problema; (2) Usar a imaginação, por exemplo, para visualizar antecipadamente o sucesso na tarefa quando ele for alcançado; (3) Focalizar a atenção, por exemplo, estruturando o ambiente (p. ex., desligando a televisão); (4) Usar estratégias para organizar as tarefas, reorganizando passos ou dividindo-as em partes.

B. A auto-observação também faz parte do monitoramento do desempenho. Registrar a si mesmo para acompanhar a própria performance, condições e efeitos pode ajudar a melhorar o desempenho (p. ex., Eu diminuí a quantidade de cigarros para fumar hoje do jeito como planejei? Por que ou por que não?). O automonitoramento seletivo e intermitente pode melhorar o desempenho. Passar por diferentes experiências para testar e aprender novas habilidades também é útil para testar o funcionamento sob diferentes condições.

FASE III: AUTORREFLEXÃO

A. A terceira fase da autorregulação é a autorreflexão. Isso é feito através da autoavaliação, por exemplo, comparando a informação monitorada sobre si com um dado modelo ou meta. Há tipicamente quatro abordagens de autoavaliação: de domínio, de desempenho prévio, colaborativa (cumprimento de papéis) e normativa (a qual é problemática). O outro fator na autoavaliação é a atribuição de resultados. Atribuir o fracasso à necessidade de melhorar as estratégias de aprendizagem é algo motivador. Atribuir o fracasso à falta de habilidade é algo que desmotiva a pessoa.

B. A autorreflexão também inclui a autorreação. O indivíduo se motiva com a autossatisfação de cumprir uma meta. Quando não se cumpre a meta como planejado, é importante usar estratégias adaptativas (em vez de defensivas ou de buscar culpados) para conseguir se motivar para mais aprendizagem e desempenho. Recompensas e elogios dados a si mesmo são motivadores. Manter-se entusiasmado é também algo crítico quando se fracassa.

FASE IV: MANEJAR RECURSOS

A. Pessoas com elevada autorregulação são mais capazes de manejar recursos sociais e ambientais para alcançar seus objetivos. Elas confiam nos outros e buscam ajuda quando precisam.

AUTOAVALIAÇÃO PARA O ESTUDANTE

(AUTOMONITORAMENTO)

De que modo eu...?

SENSIBILIDADE ÉTICA

1. Compaixão

Tento ser empático?

Levo em consideração as necessidades da outra pessoa?

Tento descobrir a perspectiva da outra pessoa?

Focalizo em ajudar?

Levo em consideração meu viés e o dos outros?

2. Inteligência Emocional

Me acalmo?

Aceito as emoções na situação?

Expresso minhas emoções de modo respeitoso?

RACIOCÍNIO ÉTICO

3. Tomada de Decisão

Sigo um modelo de tomada de decisão?

Trabalho com outras pessoas para elaborar uma decisão?

Penso sobre opções?

Penso sobre todas as consequências, especialmente para os outros?

4. Raciocínio Ético

Levo em consideração outras possibilidades?

Penso sobre todas as consequências, especialmente para os outros?

Penso de modo otimista?

FOCO ÉTICO

5. Destaca Valores

- Levo em conta os valores da minha família?
- Levo em conta os valores da minha turma?
- Coloco as pessoas acima dos objetos?
- Controlo a mídia em vez de deixá-la me controlar?
- Levo em conta valores contra-consumistas?
- Dou um passo para trás para demonstrar reverência e ser grato?

6. Destaca a Cidadania

- Penso em como ajudar minha comunidade?
- Pratico nossas tradições?
- Sou um bom defensor do meio-ambiente?

ACÇÃO ÉTICA

7. Age a Favor dos Outros

- Planejar ajudar os outros?
- Tomar iniciativas a favor dos outros?
- Adotar um papel de líder ao ajudar os outros?

8. Pratica Resiliência

- Exercito a perseverança?
- Exercito focalizar em mim?
- Resolvo conflitos de modo pacífico?

30 Coisas que os Professores Podem Fazer para Melhorar o Quociente Moral dos Estudantes

Aqui há algumas ideias para o desenvolvimento de habilidades éticas que podem ser implementadas no dia-a-dia da escola.

SENSIBILIDADE ÉTICA

Percebendo as necessidades, respondendo com compaixão e visualizando possibilidades

1. Promover Compaixão (o valor mais alto em todas as religiões; a razão por trás da coragem moral)

- Desenvolver sentimentos genuínos
- Destacar as necessidades humanas
- Adotar as perspectivas dos outros
- Manter o foco no altruísmo ao longo do dia (“Como posso/podemos melhorar as coisas?”)
- Apontar o viés das expectativas (minha cultura, sua cultura)
- Ampliar as perspectivas com exposição a diferentes pontos de vista

2. Construir Consciência Emocional e Habilidades de Regulação

- Aceitar a variedade de emoções humanas
- Praticar a expressão emocional respeitosa
- Saber lidar com emoções negativas (p. ex., quando sinto raiva, eu conto até dez)

RACIOCÍNIO ÉTICO

Raciocinando sobre as ações possíveis na situação e julgar qual ação é a mais ética

3. Praticar a Tomada de Decisão

- Pensar em voz alta (o professor oferece um modelo de tomada de decisão moral)
- Tomar decisões conjuntas como turma
- Exercitar a reflexão sobre o procedimento de tomada de decisão

4. Raciocinar Eticamente

- Debater e praticar o raciocínio ético sobre escolhas (Isso é justo/correto para todo mundo? Isso é um ato bondoso?)
- Destacar as consequências das escolhas
- Inspirar otimismo, gratidão e benevolência no raciocínio

FOCO ÉTICO

Identificando e praticando a ética

5. Destacar Valores

- Estudantes trazem os valores de suas famílias para a sala de aula (tema de casa para a família toda)
- Desenvolver juntos os valores da turma
- Cultivar ligações afetivas com pessoas e não com coisas (apreciar a companhia uns dos outros)
- Ensinar habilidades e atitudes necessárias para lidar com a mídia e como controlá-la
- Encorajar valores contraconsumistas
- Desenvolver reverência, admiração, deferência e gratidão

6. Destacar Cidadania

- Praticar a construção de um senso de comunidade na sala de aula
- Criar formas de estruturar aulas incluindo tradições e rituais
- Praticar a defesa do meio-ambiente

AÇÃO ÉTICA

Implementar a ação ética sabendo como fazer isso e mantendo até o final a decisão, não importando o que ocorra

7. Agir pelos Outros

- Planejar de modo criativo para ajudar os outros
- Praticar a assertividade pelos outros (p. ex., como enfrentar um bully)
- Adotar papéis de liderança ao ajudar os outros

8. Praticar a Resiliência

- Praticar perseverança
- Praticar a concentração em si mesmo (p. ex., respiração profunda, foco no Divino)
- Praticar resolução de conflito não violenta, incluindo fazer reparações

Referências

- Anderson, C., Narvaez, D., Bock, T., Endicott, L. & Lies, J. (2004). *Minnesota Community Voices and Character Education: Final Report and Evaluation*. Roseville, MN: Minnesota Department of Children, Families and Learning.
- Aristotle (1998). *Nicomachean Ethics* (W.D. Ross, Trans.). London: Oxford.
- Battistich, C.A. (2008). The Child Development Project: Creating caring school communities. In L. Nucci & D. Narvaez (Eds.), *Handbook of moral and character education* (1st ed.). Mahwah, NJ: Erlbaum.
- Dewey, J. (1938/1997). *Experience and education*. New York: Touchstone.
- Dweck, C. S. (2006). *Mindset: The new psychology of success*. New York: Random House.
- Elias, M. J., Parker, S. J., Kash, V. M., Weissberg, R. P., & Utne O'Brien, M. (2008). Social and Emotional Learning, Moral Education, and Character Education: A Comparative Analysis and a View Toward Convergence. In L. Nucci & D. Narvaez (Eds.), *Handbook of moral and character education* (1st ed.). Mahwah, NJ: Erlbaum.
- Hogarth, R. M. (2001). *Educating Intuition*. Chicago: University of Chicago Press.
- Lave, J. (1988). *Cognition in Practice*. New York: Cambridge University Press.
- Lerner, R. M., Bornstein, M. H., & Smith C. (2003) Child well-being: From elements to integrations. In M. Bornstein, L. Davidson, C. M. Keyes, K. Moore, & The Center for Child Well-Being. *Well-being & positive development across the life course* (pp. 501-523). Mahwah, NJ: Erlbaum.
- Marshall, S. P. (1995). *Schemas in problem solving*. Cambridge: University Press.
- Narvaez, D. (2006). Integrative Ethical Education. In M. Killen & J. Smetana (Eds.), *Handbook of Moral Development* (pp.703-733). Mahwah, NJ: Erlbaum.
- Narvaez, D. (2007). How cognitive and neurobiological sciences inform values education for creatures like us. In D. Aspin & J. Chapman (Eds.), *Values Education and Lifelong Learning: Philosophy, Policy, Practices* (pp. 127-159). Springer Press International.
- Narvaez, D. (2008). Triune ethics: The neurobiological roots of our multiple moralities. *New ideas in Psychology*, 26, 95-119.
- Narvaez, D. (2010). Building a sustaining classroom climate for purposeful ethical citizenship. In T. Lovat & R. Toomey (Eds.), *International Research Handbook of Values Education and Student Wellbeing* (pp.659-674) New York: Springer.
- Narvaez, D. (2011). Neurobiology, moral education and moral self-authorship. In D. de Ruyter & S. Miedema (Eds.), *Moral education and development: A lifetime commitment* (pp. 31-44). Rotterdam: Sense Publishers.
- Narvaez, D. (2014). *Neurobiology and the Development of Human Morality: Evolution, Culture and Wisdom*. New York: W.W. Norton.
- Narvaez, D. (2015). The co-construction of virtue: Epigenetics, neurobiology and development. In N.E. Snow (Ed.), *Cultivating Virtue* (pp. 251-277). New York: Oxford University Press.
- Narvaez, D., & Bock, T. (2014). Developing expertise and moral personalities. In L. Nucci & D. Narvaez (Eds.), *Handbook of Moral and Character Education* (2nd ed.) (pp. 140-158). New York: Routledge.
- Narvaez, D., Bock, T., Endicott, L., & Lies, J. (2004). Minnesota's Community Voices and Character Education Project. *Journal of Research in Character Education*, 2, 89-112.
- Nucci, L. Narvaez, D., & Krettenauer, T. (Eds.) (2014). *Handbook of Moral and Character Education* (2nd ed.). New York: Routledge.
- Piaget, J. (1932/1965). *The moral judgement of the child* (M. Gabain, Trans.). New York: Free Press.
- Power, C., & Higgins-D'Alessandro, A. (2008). The Just Community Approach to Moral Education and the Moral Atmosphere of the School. In L. Nucci & D. Narvaez (Eds.), *Handbook of Moral and Character Education*. Mahwah, NJ: Erlbaum.
- Rogers, Carl. (1969/1983). *Freedom to Learn: A View of What Education Might Become* (1st ed.) Columbus, Ohio: Charles Merrill.
- Zimmerman, B. J. (1998). Academic studying and and the development of personal skill: A self regulatory perspective. *Educational Psychologist*, 33, 73-86.
- Zimmerman, B. J. (2000). Attaining self-regulation: A social cognitive perspective. In M. Boekaerts, P.R. Pintrich, & M. Zeidner (Eds.), *Handbook of self-regulation* (pp. 13-39). San Diego: Academic Press.
- Zimmerman, B. J., Bonner, S., & Kovach, R. (2002). *Developing self-regulated learners*. Washington, DC: American Psychological Association.

APÊNDICE A

Ferramentas Adicionais para Educadores

Ferramentas de avaliação para professores podem ser obtidas em:

<http://www3.nd.edu/~dnarvaez/Scales.htm>

ou

<http://cee.nd.edu>

Por exemplo:

Checklist para Conseguir uma Sala de Aula Ética e de Sucesso (CEAC): Este é um bom lugar para começar com professores. É uma autoavaliação que indica os parâmetros de uma sala de aula ética, de sucesso, mas também pode demonstrar o quanto os professores já conquistaram com relação a tais parâmetros.

Medida de Autoeficácia Ética do Professor (TESEM): Essa pode ser uma boa medida para testar antes e depois a eficácia docente para a educação moral e do caráter. Ainda está em aprimoramento. Avise a Dra. Narvaez se você gostaria de testar com seu grupo.

APÊNDICE B

Quatro Processos, e Sugestão de Habilidades e Sub-Habilidades

SENSIBILIDADE ÉTICA

ES-1: Compreender a Expressão Emocional

Identificar e expressar emoções
 Afinar suas emoções cuidadosamente
 com informação adequada
 Lidar com raiva e agressividade

ES-2: Adotar as Perspectivas dos Outros

Adotar uma perspectiva alternativa
 Adotar uma perspectiva cultural
 Adotar uma perspectiva de justiça

ES-3: Conectar-se com os Outros

Relacionar-se com os outros
 Demonstrar que se importa
 Ser amigo

ES-4: Ser responsivo à diversidade

Trabalhar com diferenças individuais
 e de grupos
 Perceber a diversidade
 Tornar-se multicultural

ES-5: Controlar o Viés Social

Diagnosticar o viés
 Superar o viés, Detectar os
 estereótipos & superar respostas
 automáticas
 Cultivar Tolerância

ES-6: Interpretar Situações

Determinar o que está acontecendo
 Perceber o aspecto moral
 Responder com criatividade (Use sua
 imaginação, faça conexões)

ES-7: Comunicar-se Bem

Saber falar e escutar
 Comunicar-se na sua vez e também de
 modo não verbal
 Monitorar a comunicação

RACIOCÍNIO ÉTICO

EJ-1: Compreender Problemas Éticos

Reunir informação
 Categorizar problemas
 Analisar problemas éticos

EJ-2: Usar códigos de normas/regras e identificar critérios de julgamento

Caracterizar os códigos
 Diferençar a aplicação dos códigos
 Avaliar a validade dos códigos

EJ-3: Raciocinar de modo mais amplo

Usar raciocínio fundamentado/Evitar
 raciocínios falaciosos
 Tornar o método científico mais
 intuitivo/Obter feedback
 Monitorar o raciocínio

EJ-4: Raciocinar Eticamente

Avaliar perspectivas
 Raciocinar sobre padrões e ideais
 Raciocinar sobre ações e resultados

EJ-5: Compreender as Consequências

Escolher seus ambientes
 Prever consequências
 Arcar com consequências

EJ-6: Refletir sobre o Processo e o Resultado

Raciocinar sobre meios e fins
 Fazer as escolhas certas
 Re-desenhar o processo

EJ-7: Enfrentamento

Aplicar o raciocínio positivo
 Saber lidar com desapontamentos e
 fracassos
 Desenvolver resiliência

FOCO ÉTICO**EM-1: Respeitar os Outros**

Ser educado e polido/Não agir sem pensar
Ser não violento
Demonstrar reverência

EM-2: Cultivar a Conscienciosidade

Autocontrole
Saber lidar com poder & influência
Saber comportar-se com honra

EM-3: Agir com Responsabilidade

Cumprir com obrigações
Ser um bom defensor
Ser um cidadão global

EM-4: Ser um Membro da Comunidade

Cooperar
Compartilhar recursos
Cultivar sabedoria

EM-5: Encontrar Propósito na Vida

Concentrar em si mesmo
Cultivar o comprometimento
Cultivar o deslumbramento

EM-6: Valorizar Tradições e Instituições

Identificar e valorizar tradições
Compreender estruturas sociais
Praticar a democracia

EM-7: Desenvolver Identidade Ética e Integridade

Escolher valores bons
Construir sua identidade
Buscar seu potencial

ACÇÃO ÉTICA (Esforço, Perseverança, Trabalho dedicado e eficaz)**EA-1: Resolver Conflitos e Problemas**

Resolver problemas interpessoais
Negociar
Fazer reparações

EA-2: Ser Assertivo de Modo Respeitoso

Atentar para necessidades humanas
Construir habilidades de assertividade
Usar a retórica respeitosamente

EA-3: Tomar Iniciativas como um Líder

Ser um líder
Tomar iniciativas para e com os outros
Ser um mentor para outros

EA-4: Implementar Decisões

Pensar estrategicamente
Implementar com sucesso
Determinar o uso de recursos

EA-5: Cultivar Coragem

Saber lidar com o medo
Manter-se firme sob pressão
Saber lidar com mudanças e incertezas

EA-6: Perseverar

Permanecer resolutivo
Superar obstáculos
Construir competência

EA-7: Trabalhar Duro

Estabelecer metas atingíveis
Manejar o tempo
Assumir o controle da própria vida